

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - FAFICH
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E
ANÁLISE EXISTENCIAL / PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU*

ROSELI RODRIGUES DOS SANTOS

**CUIDADO PALIATIVO COMO UM EXISTENCIAL: Um Modo Humanizado de lidar
com a Morte e o Morrer.**

Belo Horizonte
2022

ROSELI RODRIGUES DOS SANTOS

**CUIDADO PALIATIVO COMO UM EXISTENCIAL: Um Modo Humanizado de lidar
com a Morte e o Morrer.**

Monografia de especialização apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica em Gestalt-terapia e Análise Existencial.

Orientadora: Maria Madalena Magnabosco
Leitor: Saleth Salles Lopes

Belo Horizonte
2022

150 Santos, Roseli Rodrigues dos.
S237c Cuidado paliativo como um existencial [recurso eletrônico] :
2022 um modo humanizado de lidar com a morte e o morrer / Roseli
Rodrigues dos Santos. - 2022.
31 f.
Orientadora: Maria Madalena Magnabosco.
Coorientadora: Saleth Salles Lopes.

Monografia apresentada ao curso de Especialização em
Psicologia Clínica: Gestalt Terapia e Análise Existencial -
Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e
Ciências Humanas.
Inclui bibliografia.

1.Vida. 2. Morte. 3. Tratamento paliativo. I.Magnabosco,
Maria Madalena. II.Lopes, Saleth Salles. III. Universidade
Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas. IV.Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Folha de Aprovação
CUIDADO PALIATIVO COMO UM EXISTENCIAL: UM MODO HUMANIZADO DE LIDAR COM A MORTE E O MORRER
ROSELI RODRIGUES DOS SANTOS

monografia defendida e aprovada, no dia **dez de dezembro de 2022**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Maria Madalena Magnabosco - Orientadora
FAFICH/UFMG

Saleth Salles Horta
FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 18 de abril de 2023.

Profª. Drª. Claudia Lins Cardoso

Coordenadora do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Valteir Gonçalves Ribeiro, Chefe de seção**, em 18/04/2023, às 09:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudia Lins Cardoso, Professora do Magistério Superior**, em 18/04/2023, às 20:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2236146** e o código CRC **0E7EE7FE**.

Ao meu pai, Paulo Felício dos Santos, ou Paulão, como gostava de ser chamado e a “Tica” (Cleide), pessoas pelas quais tive a oportunidade de vivenciar a prática dos cuidados paliativos no processo de finitude

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus por permitir realizar mais um sonho que é a conclusão desta especialização. Ao meu filho Paulo Athayde, “Paulinho”, que me inspira a querer ser uma pessoa melhor a cada dia. E a coordenação do curso me encorajou a prosseguir. Aceitei o desafio e hoje tenho outro modo-de-ser-no-mundo-com-os-outros.

“A morte é um dia que vale a pena viver e um excelente motivo para se buscar um novo olhar para a vida” (Ana Claudia Quintana Arantes, 2019)

RESUMO

O paliativismo é uma prática que contempla o cuidado, o elemento central utilizado por Heidegger para definir o homem. Sendo assim, esta monografia tem por desígnio, discorrer sobre a importância dos cuidados paliativos através do viés da psicologia fenomenológico existencial, e como esta modalidade de cuidado enfrenta a angústia da morte. Para atingir esse objetivo, foram citados alguns pressupostos contemporâneos sobre a concepção de homem, corpo e sentido da vida. O resultado desse processo permitiu compreender, que o psicólogo paliativista, tem como escopo de trabalho auxiliar o paciente em fim de vida a desenvolver a capacidade de direcionar o olhar para a sua existência e de dar significado às suas vivências. Para embasar o estudo, buscou-se referências bibliográficas de autores humanistas existenciais, por meio de leitura de livros e artigos científicos encontrados nas bases de dados da BVSaúde, Scielo e CAPS. O trabalho propõe compreender o ser-para-a-morte na contemporaneidade e o cuidado paliativo como fundamento existencial, sem a intenção de esgotar o assunto, reafirmando a importância dos cuidados antecipados para proporcionar ao paciente terminal melhor modelo de tratamento em fim de vida.

Palavras-chave: Cuidados Paliativos; Sentido da vida; Ser-para-a-morte.

ABSTRACT

Palliative care is a practice that contemplates care, the central element used by Heidegger to define man. Therefore, this monograph aims to discuss the importance of palliative care through the bias of existential phenomenological psychology, and how this modality of care faces the anguish of death. To achieve this goal, some contemporary assumptions about the conception of man, body and meaning of life were cited. The result of this process made it possible to understand that the palliative psychologist has the scope of work to help the patient at the end of life to develop the ability to focus on their existence and to give meaning to their experiences. To base the study, bibliographical references of existential humanist authors were sought, by reading books and scientific articles found in the databases of BVSaLud, Scielo and CAPS. The work proposes to understand the being-to-death in contemporary times and palliative care as an existential foundation, without intending to exhaust the subject, reaffirming the importance of early care to provide the terminally ill patient with a better model of end-of-life treatment.

Keywords: Palliative care; Sense of life; Be-to-death

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL: UMA BREVE INTRODUÇÃO	13
2 CUIDADO PALIATIVO COMO UM FUNDAMENTO EXISTENCIAL.....	16
2.1 Cuidados Paliativos	17
3 O LUGAR DA MORTE NA EXISTÊNCIA HUMANA	19
3.1 O encontro como vazio.....	20
3.2 A Angústia Da Morte	22
3.3 Enfrentando a angústia da morte.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso foi idealizado e elaborado por: Roseli Rodrigues dos Santos, Psicóloga Graduada pela PUC - MG, Pós-graduanda em Psicologia Clínica Gestalt-terapia e Análise Existencial pela UFMG, Especialista em Psicologia Hospitalar pela Faculdade Santa Casa – BH e em Gestão Estratégica de Pessoas pelo Senac-MG. MBA em Recursos Humanos pela BI Internacional.

Esta monografia tem por objetivo refletir a questão da importância dos cuidados paliativos através do viés da psicologia fenomenológico existencial. Para tanto citarei alguns pressupostos contemporâneos sobre a concepção de homem, corpo e sentido da vida para que possamos atingir esse objetivo.

O homem contemporâneo vive atualmente em um vácuo existencial figurado pela morte das ideologias, com a perda das tradições, o empobrecimento do ser e a supervalorização do ter (CARNEIRO, 2008). Ele tem dificuldades para estabelecer raízes e vive em conformismo, seguindo o fluxo do grupo. Tem dificuldades em tomar suas próprias decisões e se submete a aceitar o sentido da vida dos outros. Ele abandonou sua própria virtude para seguir o que a sociedade predetermina e se vê incapaz de questionar sua própria existência e discuti-la ao longo de seu processo evolutivo, sendo, portanto, acometido pela frustração existencial. E se concentra no que Frankl chama de vácuo existencial. (ROCHA, 2020).

O vácuo existencial, ou o vazio que fala da perda do sentido da vida, também pode ser percebido de forma visível em pessoas que moram nas grandes metrópoles, onde impera o espírito de competição em busca do sucesso profissional a qualquer custo. Há também uma indefinição de valores universais devido à individualidade generalizada, materialismo, falta de empatia e simpatia nas relações interpessoais. Vive como um ser infinito e utiliza mecanismos para prolongar a vida, como forma de significar a morte e o morrer.

Entende-se que a finitude do corpo é certa e irreversível e a morte é um fenômeno natural e necessário na vida do ser humano, que causa agonia e carência compreensiva sobre o fenômeno viver e morrer, mas também, explicita o homem como uma essência em busca do sentido para a vida (ROCHA, 2021).

Nesse contexto, o método em cuidados paliativos visa ajudar o paciente a encontrar e viver a sua autenticidade no período em que está sendo-para-a-morte, que pode ser pensado como um modo de existência. O paliativismo pode ajudá-lo também, a reconfigurar a experiência da ausência da saúde e tudo que isso representa. Dar forma e significação a sua imagem do corpo adoecido; analisar quem é a pessoa na sua totalidade com seu modo de ser-no-mundo.

O trabalho do psicólogo junto ao paciente elegível ao método de palição, oferece a oportunidade para o mesmo abrir-se para o mundo, falar sobre suas vivências, narrar sobre sua existência no momento em que a vida está ameaçada. (SANTOS, MIRANDA, NOGUEIRA, 2016 p. 215).

Sendo assim, este projeto de estudo procurou responder à seguinte pergunta: Como o homem alheio ao seu processo de finitude lida com a questão da morte? De que forma o psicólogo existencial fenomenológico, como membro da equipe especializada em Cuidados Paliativos, atua nesse contexto?

O curso de especialização em psicologia Hospitalar e a prática de estágio na clínica de cuidados prolongados no Hospital Geral em Belo Horizonte, culminaram no interesse em desenvolver uma pesquisa que possibilitasse conhecer as possíveis contribuições da psicologia existencial fenomenológica junto à pessoa humana sendo-para-a-morte, a partir da sua vivência em cuidados paliativos.

Levantou-se a hipótese de que a psicoterapia existencial fenomenológica é pouco difundida no hospital geral, e na prática paliativista, sendo mais comum as abordagens psicanalítica, humanista e cognitivo comportamental, nesta ordem. Na disciplina onde foram apresentadas as abordagens terapêuticas no contexto hospitalar a psicologia existencial-fenomenológica e a Gestalt-terapia não foram contempladas. Provavelmente pelo fato de serem abordagens relativamente novas, que contrapõem o modelo médico biologicista, que não rotula ou diminui o paciente a sua doença – ideia muito próxima a metodologia paliativista.

Entende-se que a doença, na perspectiva existencial fenomenológica, é um tipo de um ajustamento criativo, ou uma forma que o sujeito encontra para lidar com seu sofrimento.

Este estudo tem como objetivo geral discorrer sobre o que é cuidado paliativo como um existencial e como esta modalidade de cuidado enfrenta a angústia da morte.

Para isto, foi utilizado abordagem qualitativa fundamentada na abordagem Existencial Fenomenológica que considera o ser humano como um ser de relações, com condições internas para fazer escolhas autênticas e ser protagonista de sua vida. No método qualitativo o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de sua pesquisa. Para Minayo (2001), “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à dados quantitativos”. (MINAYO, 2001 citado por GERHARDT, 2009, p. 31)

Segundo Gil (2007, p. 17), “pesquisa é definida como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. O presente trabalho será delineado pelo tipo de pesquisa bibliográfica de natureza exploratória. Para embasar o estudo, buscou-se através da leitura de livros e de artigos encontrados nas bases de dados da BVSaúde, Scielo e portal de periódicos da CAPS, temas pertinentes à nossa proposta de trabalho “com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”. (Gil, 2002 pág. 41).

O desenvolvimento do tema está organizado da seguinte forma: referencial teórico, abordando assuntos que permitiram apresentar de forma sucinta, a abordagem fenomenológico-existencial e o cuidado paliativo como um fundamento existencial, transcorrer sobre o lugar da morte na existência humana e a atuação do psicólogo diante a angústia da morte. E por fim, apresenta-se as considerações finais sobre a proposta deste trabalho, que visa compreender o ser-para-a-morte na contemporaneidade e o cuidado paliativo na perspectiva da psicologia existencial fenomenológica.

1 PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL: UMA BREVE INTRODUÇÃO

A fim de compreender a morte e finitude na perspectiva fenomenológico-existencial, faz-se necessário apresentar alguns conceitos propostos pela fenomenologia e o existencialismo, sem a intenção de aprofundar ou esgotar a temática devido a sua complexidade.

A fenomenologia é um método investigativo da experiência humana, de descrição filosófica proposta por Edmund Husserl no início do século XX. Ela é considerada de maior importância para a psicologia, sobretudo para as psicoterapias de orientação fenomenológico-existencial. (LIMA, 2008).

Para AmatuZZi, (2009), Fenomenologia é, sobretudo, um modo de se fazer filosofia, e seguindo o jeito fenomenológico de pensar, o lugar em que se chega é próprio (p.96). A principal tarefa que Husserl propôs, foi esclarecer o caminho fenomenológico para o pensamento humano: qual o alcance do conhecimento, como são os atos da consciência, como se apresenta o mundo” (AMATUZZI, 2009, p.96).

De acordo com Giovanetti, (2018), pensar fenomenologicamente diz sobre a disposição para ver o mundo de possibilidades que se abre diante de nós, pelos quais, conseguimos compreender os sentidos e os significados. A fenomenologia tem como objetivo captar o sentido das coisas e não o fato em si. Ela procura compreender o fenômeno, aquilo que se manifesta à consciência, explicitando as estruturas implícitas da consciência. Para Husserl, captar a essência das coisas é o mesmo que captar o sentido. E é por meio do sentido que se intui a essência (GIOVANETTI, 2018, p. 15).

O fenômeno é para Husserl simplesmente aquilo que se oferece ao olhar intelectual, à observação pura, e a fenomenologia se apresenta como um estudo puramente descritivo dos fatos vivenciais do pensamento e do conhecimento oriundo dessa observação (GILES, 1975, p. 132 citado por Lima, 2008).

Em contraposição à atitude natural, Husserl criou a *epoché*, ou redução fenomenológica - método pelo qual pudesse permitir o acesso ao fenômeno. A redução fenomenológica “consiste em suspender todos os preconceitos, valores, teorias científicas e crenças pré-existentes” (LIMA, 2008, p.30). Husserl elucida que para termos acesso aos fenômenos, o que se apresentam à consciência tais como

aparecem, faz-se necessário uma mudança de atitude do natural para a fenomenológica. “Não se trata de negar as coisas do mundo ou de sua existência, mas de colocar entre parênteses aquilo que foi dado anteriormente para que possamos ter acesso aos fenômenos que se apresentam à consciência”. (CARDOSO, 2018, p.35).

Na redução fenomenológica, busca-se compreender o sujeito. Entende-se o sujeito não como indivíduo, concreto, mas sim, enquanto estrutura universal do Eu. Para isso, suspende-se o mundo exterior ao sujeito e o eu empírico. Busca-se compreender, então, o ser humano através da análise de suas vivências, e, com isso, destacar algo que é transcendental ao ser humano, ou universal a ele. (GIOVANETTI, 2018, p. 16). A fenomenologia propõe-se a ser uma ciência descritiva das essências das vivências. “Ao invés de fatos, temos fenômenos. Fatos somente são obtidos por abstração. Fenômenos são vividos”. (HOLANDA, 2003, p.46).

Entretanto, segundo AmatuZZi (2009) dentro do movimento fenomenológico houveram outras contribuições:

Heidegger (1995) voltou-se para o esclarecimento do ser e da existência; Scheler (1994) abordou os valores; Merleau-Ponty (1942/1972), o comportamento humano; Jaspers (1913/1979) inovou a visão da psicopatologia; Buber (1977), embora não fizesse parte do grupo original, descreve fenomenologicamente o encontro humano. (AMATUZZI, 2009, p.96).

Ao pensar o método fenomenológico aplicado à psicologia, AmatuZZi (2009) elucida que o estudo fenomenológico da imaginação, percepção, linguagem e os desarranjos da mente, volta-se para os mesmos objetos considerados também pela psicologia. Contudo, a psicologia positivista de Husserl “faz isso a partir de um enfoque empírico, por meio de mensurações, separando sujeito e objeto” (AMATUZZI, 2009, p. 96).

Esses desdobramentos revelaram-se úteis para o fazer psicológico, que passou a utilizar o seu próprio saber, com base filosófica, e consiste em construções teóricas e práticas sobre os modos de ser da pessoa humana.

É nesse sentido que se pratica uma psicologia fenomenológica no contexto da psicologia humanista: elucidação do vivido baseada na consideração de experiências concretas e situadas, conduzindo a uma compreensão teórica que possibilite lidar melhor com o fenômeno. (AMATUZZI, 2009, p. 96)

A análise existencial, por sua vez, representa uma corrente antropológica de pesquisa, ancorada na vertente de que a existência significa um modo de ser, em particular, do ser humano. (ROCHA, 2020, p. 58).

Sob as influências da fenomenologia e do existencialismo, criaram-se várias propostas de psicoterapia existencial que são definidas de diferentes modos. May, (1958) como exemplo, trabalha com base na procura de si próprio, Frankl, (1984) diz sobre a procura do sentido da existência; a Erthal, (1999) é atribuído o pensamento de que ao aumentar a autoconsciência, aceitar a liberdade, ser capaz de usar suas possibilidades de existir, entre outros, sugerindo que não existe uma, mas várias propostas terapêuticas que sustentem a prática da psicoterapia existencial que podem ser definidos genericamente como um método de relação interpessoal e de análise psicológica, com o objetivo de ajudar a pessoa no seu processo de autoconhecimento e autonomia para assumir livremente sua existência (TEIXEIRA, 2006).

A especificidade da psicoterapia existencial é a forma de compreensão do homem, que nesta perspectiva, é reconhecido como um ser que tem recursos próprios para ressignificar sua existência, mudar conceitos pré-estabelecidos, criar novas possibilidades, e ainda intervir no seu processo psicoterapêutico com autenticidade.

A psicoterapia existencial,

“Trata-se de facilitar ao indivíduo o desenvolvimento de maior autenticidade em relação a si próprio, uma maior abertura das suas perspectivas sobre si próprio e o mundo e, ainda, de ajudar a clarificar como é que poderá agir no futuro de forma mais significativa. O centro é a responsabilidade da liberdade de escolha do indivíduo. A palavra-chave é construção, uma vez que se trata de desafiar o indivíduo a ser o construtor da sua existência. (TEIXEIRA, 2006, p. 294)

Tendo em mente que a existência humana envolve pessoas concretas em situações reais, a psicologia existencial, pode ser compreendida como a psicologia da existência humana na sua integralidade que tem a pretensão de ajudar a pessoa a escolher-se e a agir de forma autêntica e responsável sem a intenção de “curar”, mas sim valer-se de uma intervenção psicológica que promova o encontro da “pessoa com a autenticidade da sua existência, para que venha assumi-la verdadeiramente e projetar-se mais livremente no mundo. (TEIXEIRA, 2006, p. 290).

2 CUIDADO PALIATIVO COMO UM FUNDAMENTO EXISTENCIAL

O tratamento do paciente em fim de vida passa por diferentes ciclos, do sintoma inicial até a cura da doença ou a finitude. No entanto, existem pacientes que permanecem em tratamento por um longo período, que recebem atenção contínua sem previsão de alta. Entende-se que nesta situação, a comunicação torna-se um grande aliado, pois, permite estabelecer vínculo de confiança da equipe de saúde junto ao paciente e seus familiares. Deste modo, concorda-se com Santos (2009) quando ele destaca a importância da comunicação que deve ser feita com coerência, uma vez que, tanto o paciente quanto o familiar checam com regularidade às informações que recebem. Assim, é fundamental que elas transmitam credibilidade. (SANTOS, 2009, p. 263).

Com base nesta explanação, o diálogo psicológico poderá servir de suporte para uma prática hospitalar humanizada e servirá também de elemento ontológico do contato. A psicoterapia humanista existencial é uma abordagem com foco na relação dialógica. O diálogo é por nós entendido como fundamental para a existência humana e é “característica essencial da relação terapêutica” (Freitas, 2009^a citado por (FREITAS, STROIEK, BOTIN, 2002, p. 142).

Contudo, “buscar a construção de uma qualidade de diálogo nas instituições hospitalares é um desafio, e tem dificuldades impostas pelas próprias condições do contexto”. (Freitas, Stroiek, Botin 2002, p. 143). É comum os familiares se aterem mais ao prognóstico que diz sobre o processo evolutivo da doença e seu impacto na qualidade de vida, do que com a prolongamento da existência ou sobrevida do paciente. Expressam o desejo de manter segredo sobre o quadro clínico, escolhendo ocultar informações ou proibir que o diagnóstico seja revelado ao paciente enfermo. Esperam com esse comportamento proteger o paciente e evitar que o sofrimento seja ainda maior. Apesar de ser algo que compõe o ser humano, a morte ainda é algo difícil de falar, vivenciar e aceitar. Para Espinoza – Suarez N, et al (2017), o silêncio “conspirado” pela família e equipes de saúde permitem alterar e ocultar o diagnóstico e a gravidade sobre a evolução clínica do paciente.

Amparada pela epistemologia fenomenológico-existencial, ao pensar sobre o sentido da vida, sugere-se o dever de compreendê-lo em sua singularidade, mas sobretudo, nos aspectos subjetivos por reconhecermos o vínculo teórico com o método aplicado em Cuidados Paliativos, conceituado a seguir.

2.1 Cuidados Paliativos

Com a finalidade de salvaguardar o direito à vida, o Conselho Federal de Medicina (CFM) elaborou resoluções importantes. Entre elas, destaca-se a Resolução 1805/2006 que assegura a dignidade do doente terminal, permitindo a suspensão de tratamento desde que garantidos os devidos cuidados para o alívio do sofrimento (CANO et al 2020, pág. 377). Esta resolução, portanto, embasa a prática dos cuidados paliativos.

O método dos cuidados paliativos teve como influência o movimento dos *hospices*, (hospitalidade), criado por Cecily Saunders e colaboradores na década de 1960, na Inglaterra. O movimento dos *hospices* nasceu em meio a um cenário marcado pela dor e sofrimento de pessoas com doenças terminais, que na sua maioria, eram pobres, carentes de assistência e cuidado integral. Na época, não existia um espaço destinado a prestar atendimento ao paciente em processo de finitude. As pessoas que tinham condições financeiras favoráveis, recebiam cuidados médicos em casa, o que segundo Santos, Miranda e Nogueira (2016) era um fato que dificultava a aceitação dos *hospices*. *Cecily Sauders então*, inaugurou uma nova forma de cuidado, considerado o paciente na sua integralidade (biológico, social, psicológico e espiritual), cuja condução terapêutica objetiva a diminuição da dor e o manejo dos sintomas. (SANTOS, MIRANDA, NOGUEIRA, 2016).

Cuidados paliativos foi definido pela organização Mundial de Saúde (OMS) em 1990 e atualizada em 2002 com a seguinte redação:

"Cuidados Paliativos consistem na assistência promovida por uma equipe multidisciplinar, que objetiva a melhoria da qualidade de vida do paciente e seus familiares, diante de uma doença que ameace a vida, por meio da prevenção e alívio do sofrimento, da identificação precoce, avaliação impecável e tratamento de dor e demais sintomas físicos, sociais, psicológicos espirituais". (OMS, 2002, apud Brasil, 2020)

Em definição dada por Arantes, (2019):

Cuidado Paliativo é um tipo de assistência integral, multidimensional que a medicina pode propor a um paciente às voltas com uma doença grave, incurável e que ameace a continuidade de sua vida". (ARANTES, 2019, p.30)

O cuidado paliativo, pode ser compreendido aqui, como uma base existencial importante, pois, ele traduz o que há de mais próprio e fundamental na existência enquanto estrutura ôntico-ontológica do ser-aí na sua integralidade. Os cuidados paliativos é um modo de cuidado que considera a existência da pessoa para além do biológico que já está adoecido. Instaure-se a preocupação com este outro, que vivencia a experiência da finitude, de um dia deixar de ser-ai-no-mundo.

No entanto, o ser-aí, sendo-para-a-morte, ainda tem um mundo de possibilidades aberto diante dele, este mundo ainda não foi fechado, cessado e é nesse modo de ser-ai que o cuidado paliativo se mostra.

Parece importante destacar que o cuidado paliativo não contempla a ação de negar a doença ou o processo de terminalidade do indivíduo, como a dor, os incômodos físicos que o acometem. Mas, sim, colocar em evidência a pessoa que se apresenta diante da equipe paliativista.

O psicólogo, através da escuta ativa e do acolhimento, deixa emergir o sujeito na sua singularidade, o como está para ele vivenciar a proximidade da morte, quais os medos, a ou angústias que aparecem naquele momento, os desejos que quer realizar; como gostaria de morrer, o que escolhe para estes dias, com quem gostaria de estar no momento em que a morte, por fim se apresenta.

3 O LUGAR DA MORTE NA EXISTÊNCIA HUMANA

Buscando compreender como o homem contemporâneo, alheio ao processo de finitude, significa a morte, procura-se neste capítulo, conhecer o lugar da morte da existência humana e como o cuidado paliativo lida com esta questão.

Ao longo da história, fatores culturais, sociais, éticos e religiosos influenciaram a definição de morte e a maneira como pensamos e agimos diante dela. Nos tempos de hoje, o processo de finitude tornou-se institucionalizado e distante. No hospital, existem intervenções integradas aos recursos tecnológicos que auxiliam no tratamento de doenças potencialmente ameaçadoras à vida, de forma que elas possam ser diagnosticadas precocemente, e até tratadas com mais precisão, aumentando assim, o tempo de sobrevivência do paciente (SANTOS,2009).

Tal prática configura em muitos momentos como distanásia, que é uma tentativa de manter a vida a qualquer custo, "infligindo mais sofrimento ao paciente e seus familiares, sem perspectiva real de recuperar a vida e o bem-estar" (CANO, et al, 2020 p. 377). O cuidado paliativo lida com a questão de conhecer o lugar da morte na existência humana, e ajuda o sujeito a reconhecer que em algum momento o fim será concretizado.

A certeza do advento da morte, coloca em evidência a importância de viver a vida na sua plenitude, considerando que a finitude acomete a todos. E viver é considerar a morte e ao negar este processo deixamos de viver e perdemos a autonomia. A autonomia é um dos princípios da Bioética e configura o cuidar-para-o-outro-ser.

A Bioética segundo Motta, et. al (2012) é:

“O estudo sistemático das dimensões e argumentos morais a favor e contra determinadas práticas humanas que interferem e afetam a qualidade de vida de todos os seres vivos e as condições ambientais do planeta (MOTTA, et al, 2012).

Para Arantes (2019), é preciso respeitar a grandeza do ser humano, que corajosamente, enfrenta a sua morte e reconhece o seu processo de finitude como uma possibilidade para alcançar o nível mais elevado de sabedoria. No processo de

finitude, se o desconforto físico proporcionado pela progressão da doença passar, “haverá tempo e espaço para a vida se manifestar”. Diante do alívio do sofrimento do corpo físico o que emerge são as dores da alma representadas pelo sofrimento emocional e espiritual. Sendo, portanto, um tema que traz desconforto. (ARANTES, 2019, p. 48). Em outros termos, só será possível pensar sobre o sentido da vida quando a dor passar. (ARANTES, 2019 p. 47). E a partir daí se estabelece o encontro com o vazio e tudo o que é proporcionado por ele.

3.1 O encontro como vazio

Critelli (1996) conceitua que o vazio, por meio da ausência, nos apresenta o sentido da vida e tudo que ela representava até então.

“Quando o vazio comparece diante de nós, somos capazes, então, por exemplo, de perceber o quanto custava fazer tal coisa, como tal outra fazia falta..., isto, é compreender o existir na sua mais genuína compreensão: de como o quem/eu estava envolvido, dominado, absorvido numa série de circunstâncias (...) Então, o eu mesmo não é vítima dos outros, ele se vê ou pode se ver como agente ou co-agente de seus desvios, equívocos, etc.”, (CRITELLI, 1996, p. 123).

Na contemporaneidade, diante das relações líquidas e transparentes em que se vive, o sujeito tem aprendido outros modos de ser e ex-istir ou ser para fora. Ele é parte integrante de uma sociedade em que o outro não existe e é quase ou totalmente difícil estar sozinho consigo mesmo.

Falta espaço para o homem refletir sobre sua existência e sobre a possibilidade de um dia não ser-mais-no-mundo. Perdeu-se a capacidade perceptiva de ver a própria morte, pois, o indivíduo contemporâneo tem mais imagem e menos corpo. E é no corpo que se manifestam os afetos, as emoções, assim também como a saúde e a ausência dela, a vida e a morte. Com a morte anunciada, emerge no paciente um sofrimento emocional muito intenso e possibilita quase que instantaneamente a necessidade de refletir e encontrar o sentido da vida. Mas também, gera a preocupação de que talvez não haja tempo suficiente para vivenciar esse encontro.

Diante de uma doença crônica evolutiva, vivenciam-se a experiência de luto antecipado às voltas do sentimento de angústia e dor frente a possibilidade de morte

e solidão existencial. “A experiência da angústia sempre nos revela sós, entregues a nós mesmos por nossa própria conta para dar conta de ser”. (CRITELLI, 1996, p. 124).

Para Arantes (2019), uma pessoa que está perto da morte tem maior facilidade em compreender o que realmente importa nesta vida, e isto se dá com uma lucidez surpreendente. Com advento da doença terminal, o paciente desenvolve a capacidade de entrar em contato direto com sua essência e se conecta com mais facilidade com a essência das pessoas em seu entorno.

A partir desta reflexão, infere-se que através do vazio que se apresenta, torna-se possível perceber o quanto certos hábitos e atividades desempenhadas ao longo da vida nos eram caras. Somente com o esvaziamento do sentido de existir que as coisas se clarificam e o pensamento se lança rumo ao conhecimento das coisas como elas são.

O ser-aí ao abarcar-se como um ente finito, toma consciência de que cabe apenas a ele decidir sobre a dimensão projetiva de sua existência. “Mais do que isso, ele mesmo tem a possibilidade de dar-se conta de que apenas ele pode cuidar de si para fazer de si o que desejar” (WEYH, 2019, p. 117). Compreender e aceitar que não se é imortal faz com que a existência siga o caminho do fim e direciona o ser-aí a cuidar de si.

Antecipar-se a morte perante o existencial ser-par-a-morte, diz sobre olhar para si mesmo, no tempo presente, de forma contínua e autêntica, quanto ainda existem possibilidades, pois, a morte torna-se concreta o existencial ser-para-o-fim com a extinção de possibilidades onde a partir dela, não há mais nada a se fazer. A morte, no contexto ontológico-existencial corporifica a possibilidade do ser-aí “não-mais-ser” (grifo meu) na medida em que se instaura como ente marcado pela finitude. (WEYH 2019)

Na presença do fim retratada pela morte, a abertura do mundo ser-aí se fecha, as possibilidades deixam de existir e todo comportamento do ser-aí finaliza. Nesse sentido, a finitude revela que o ser-para-a-morte faz parte o ser-aí que tem a antecipação da morte como uma existencial favorável, pois, oportuniza ao ser-aí uma existência autêntica e de sentido. “Somente o ente humano constitui-se como aquele que compreende a morte como parte constituinte do seu ser e como sua possibilidade

mais radical” e concreta, tendo o fim, não como “um talvez”, mas como certeza. (WEYH, 2019, p. 118).

3.2 A Angústia Da Morte

A análise existencial entende a existência como um modo de ser que é peculiar ao ser humano, que diz sobre a autenticidade. A autenticidade caracteriza a maturidade no desenvolvimento pessoal e social e implica aceitar a condição humana como ela é (TEIXEIRA, 2008, p. 291). São aspectos inerentes ao processo da morte e do morrer, as questões existenciais relacionadas à transitoriedade da vida, como o sofrimento, a doença e a angústia.

Segundo Arantes, (2019), falar sobre a morte causa angústia, gera dúvidas e potencializa o medo. Transcorrer sobre a experiência do outro com a morte, aquela que somente a ele pertence, parece mais fácil, entretanto, quando a discussão envolve a própria morte, instaura-se um processo de resistência e negação. Nesse sentido, a humanidade escolhe viver alienados, pensando que são seres eternos. Por conta disso, levam a vida de forma irresponsável, “distanciadas da própria essência” (ARANTES, 2019. p. 74).

Weyh (2019, p. 107) diz que no momento da angústia, o ser-aí se vê diante da ausência ou “nudez” da sua existência. Em suas palavras:

“(…) No período de duração da angústia, há possibilidade de compreender tanto as possibilidades existenciais, como os fenômenos “iluminados” diante de si. A angústia, nesse sentido, se mostra como uma dimensão reveladora (aquela que “singulariza” o ser-aí), ao possibilitar que o ser-aí retome o caminho próprio da sua existência, através de seus objetivos de sentido. (WEYH, 2019, p. 107)

Segundo Santos (2009) “a morte é um fenômeno antigo na natureza, constante e biologicamente necessário”, entretanto sem definição estabelecida. A morte é citada pelo autor como um fenômeno plenamente complexo, ambíguo e seu entendimento é “influenciado pelo contexto situacional, social e cultural”, (p. 301). Weyh destaca que a morte na teoria Heideggeriana é entendida como uma “possibilidade ontológica que

o próprio ser-aí sempre tem de assumir”. (HEIDEGGER, 1969, p. 250, citado por WEYH, 2019, p. 116) como explicitado na citação a seguir.

A morte é uma possibilidade ontológica que o próprio se-aí sempre tem de assumir. Com a morte, o próprio ser-aí é impendente em seu poder-ser mais próprio. Nessa possibilidade, o que está em jogo para o ser-aí é pura e simplesmente seu se-no-mundo. Sua morte é a possibilidade de não mais existir (...). Essa possibilidade mais própria e irremissível é, ao mesmo tempo, extrema. Enquanto poder-ser, o ser-aí não é capaz de superar a possibilidade da impossibilidade absoluta do ser-aí. Desse modo, a morte desentranha-se como a possibilidade mais própria, irremissível e insuperável. Como tal, ela é impedante privilegiada. Essa possibilidade existencial funda-se no fato de o ser-aí estar, essencialmente, aberto par si mesmo no modo de perder-se-a-si-mesmo. Esse momento estrutural do cuidado possui sua concreção mais originária no ser-par-a-morte. (HEIDEGGER, 1967, p. 250, citado por WEYH, 2019 p. 118).

De acordo com os estudos de Arantes, (2019), o sofrimento gerado pela percepção de que somos seres mortais, não começa somente no processo de finitude. O medo da morte se dá desde o momento em que se vivencia a expectativa de receber o resultado de um exame que pode apresentar um diagnóstico confirmando ou não a existência de uma doença crônica evolutiva. Ou seja, o percurso entre a certeza do diagnóstico de uma doença crônica ameaçadora da vida e a morte é acompanhada de sofrimento que é algo absoluto e único, totalmente individual. Como destaca Arantes ao relatar a experiência a seguir:

“Podemos ver doenças se repetirem no nosso dia a dia como profissionais de saúde, mas o sofrimento nunca se repete. Mesmo que o tratamento ofereça alívio para a dor, a experiência da dor passa por mecanismos próprios de expressão, percepção e comportamento. Cada dor é única. Cada ser humano é único, Mesmo em gêmeos idênticos, com o mesmo DNA, temos expressões de sofrimento absolutamente diferentes. (ARANTES, 2019, p. 42)

Em contextos diversos, é possível encontrar o sentido da vida por meio do trabalho, e da arte, que combina possibilidades e potencialidades, vocação e talento, construindo a si próprio, fazendo escolhas autênticas sobre como deseja estar-no-mundo, o que se permite ser através da liberdade, mesmo diante da morte. A finitude é algo incontestável, porém, é uma experiência singular e subjetiva.

Viver consiste em ter liberdade para fazer escolhas e em conformidade com os objetivos e valores pessoais, ciente de que as consequências das ações escolhidas são de sua inteira responsabilidade. (TEIXEIRA, 2008, p. 291). Escolher como se quer morrer dá oportunidade ao paciente terminal de falar sobre a morte, gerenciar sua

própria vontade e de viver com qualidade. Viver com qualidade diz sobre os aspectos éticos dos cuidados paliativos. Preconiza a dignidade humana da pessoa, dando-lhe a oportunidade de conduzi-la com autonomia, sem afetar terceiros. Em cuidados paliativos, a família tem uma participação ativa frente aos desejos do paciente; aceitando as ideias “não convencionais” e compartilhando da sua dor com compaixão.

O parágrafo transcrito acima, traz elementos que permitem identificar o paliativismo como uma prática que contempla o cuidado, que, no que lhe concerne, é o elemento central utilizado por Heidegger para definir o homem.

Weyh (2019), cita o cuidado enquanto modulação ocupação e preocupação em Heidegger, que são considerados por este filósofo como modos de ser do cuidado enquanto um existencial. Esses modos são pré-requisitos para compreender como o cuidado se mostra diante dos “entes-simplesmente-dados e com os demais entes que têm em si o caráter de ser enquanto existe (os outros seres-aí) ”. (WEYH, 2019, p. 97).

O psicólogo sendo-com-o-outro, como cuidador, defronta-se com preocupações fundamentais da existência humana, entre elas a morte ou finitude que representa o temor ao acontecimento do não-vir-a ser. O cuidado ao ser proposto a um paciente diagnosticado com doença incurável, deve considerar a pessoa além do diagnóstico e garantir que ele viva com dignidade no âmbito social, físico, psicológico e espiritual. Tal conduta diz sobre a preocupação, citada acima, que tem significado diferente ao entendimento usual. Segundo Heidegger preocupação é um modo de cuidar que está diretamente relacionado ao modo do ser-aí lidar com os outros, trazendo a ideia de ser-aí-com.

Diante da ideia de ser-aí-com, existir com os outros implica em uma determinada co-existência, na medida em que há uma convivência comum entre ser-aí e os demais. A dimensão do cuidado enquanto preocupação com este outro é o que se pode experienciar através do encontro, da coexistência ou ainda do convívio (= existência comum junto ao outro). (WEYH, 2019, p. 97).

Por fim, o cuidado implica no compromisso para com a realização do outro, e o ato de cuidar, diz sobre realizar uma tarefa em benefício da autenticidade do outro, sem imposição de um ponto de vista próprio.

O método fenomenológico, como já explicitado, é uma forma que permite ver as coisas como elas se mostram e, desse modo, a compreensão do cuidado paliativo se dá através de um movimento de resgate da autonomia do paciente conferindo-lhe responsabilidade sobre seu passado, presente e futuro que mesmo acometido por doença grave realçam seu projeto de vida. O resultado desse processo é auxiliar o paciente a desenvolver a capacidade de direcionar o olhar para a sua existência e de dar significado às suas vivências, e resgatar o seu vir-a-ser com propósito. (SALANSKIS, 2011, p. 38).

3.3. Enfrentando a angústia da morte.

A morte é um mistério que nos envolve, porém, o ser humano é incapaz de representar a sua morte devido a angústia existencial diante da perda de entes amados e de projetos existenciais, o vir-a-ser. O sofrimento é inerente a nossa condição humana que não pensa sobre sua condição de mundo. Ele não se atualiza. Um dos princípios dos cuidados paliativos é a afirmação da vida e a aceitação da morte como um processo natural, onde é preciso aproveitar o tempo antes da consumação do óbito. Aceitar é ver o possível diante de um certo contexto, não sendo possível regressar ao passado para modificar o momento presente, mas sim, fazer do momento presente, um projeto de vida que possibilita construir o futuro mesmo na perspectiva da finitude.

Como apresentado em reflexões que se antecedem, a atitude do terapeuta é cuidar. Cuidar para que cada indivíduo se atenha na construção de significados com que se depara para dar conta do vazio e da falta de sentido, sendo responsável (existencialmente) pela sua auto afirmação e desenvolvimento. Cuidar para que o paciente em fim de vida dê conta de se projetar frente a situações que possam paralisá-lo no sofrimento, como perda, doença, morte, enfim. Afirmar sua vida de forma consciente sobre o que sentiu e pensou, do que sente e pensa; podendo antecipar-se ao que poderá vir a ser no futuro.

A liberdade é sempre situada no contexto que se vive, mas apesar dos condicionamentos naturais, como o adoecimento crônico evolutivo, a pessoa humana

tem a capacidade última de decidir. Em outras palavras, mesmo o indivíduo não podendo escolher os acontecimentos que podem limitar a sua existência, ele pode escolher como irá confrontá-los. Entretanto, o indivíduo, ao negar a liberdade de escolha, reafirma a inautenticidade, e abre mão de exercer a liberdade para fazer escolhas para viver de acordo com o que o outro determina para sua vida. TEIXEIRA, (2008 p. 292).

Cada indivíduo necessita e deseja estar-com-os-outros, com os quais pode simpatizar, empatizar e aprender, através dos quais se descobre e com os quais constrói projetos e relações significativas. Tais relações podem ser estabelecidas em uma unidade de cuidados paliativos que se dá em domicílio ou em clínica dia, por exemplo. “O crucial em cuidados paliativos é a qualidade da vida em questão, e não apenas o tempo atribuído a ela”. (SANTOS, 2009, pág.257, 258).

O apoio psicológico nesse contexto, se configura a partir da escuta, conforto e dignidade ao paciente e à sua família, suporte e acolhimento aos integrantes da equipe. O psicólogo que atua com cuidados paliativos, ao se colocar diante de um paciente, assume uma postura fenomenológica, onde se faz necessário considerar as inquietações advindas do adoecimento, tais como angústias, medos, dúvidas, e as rumações acerca da proximidade de sua morte (SANTOS, 2018.) Vale resgatar o objetivo da fenomenologia que é ir às coisas mesmas, descobri-las tais quais se apresentam aos sentidos, tais quais em as percebemos. Mas é um “ir em busca” aliado à minha própria experiência subjetiva concreta. É um olhar e ver, não apenas uma colocação diante de algo. É a participação, envolvimento (HOLANDA, 1998, p. 5).

“Na investigação fenomenológica não há um objeto de investigação analisado por um sujeito do conhecimento. Há, diferentemente, um a compreensão do fenômeno que se mostra e o seu movimento de mostrar-se” (WEYH, 2019, p. 45)

O psicólogo, ao adotar uma postura fenomenológica está-para-o-outro sem julgamentos, atento aos gestos, sorrisos, olhares, choro e o silêncio (SANTOS, MIRANDA E NOGUEIRA, 2016 pág. 215).

Contudo, em sua atuação profissional, ele se depara com questões existenciais dos pacientes em fim de vida, e está predisposto a desenvolver certa instabilidade emocional ao mesmo tempo que tem a oportunidade de se haver com questões

reflexivas sobre a própria vida e sobre a relevância do seu trabalho neste contexto. O trabalho do psicólogo que atua com cuidados paliativos, não deve ser configurado como uma única tarefa ou atividade singular, “mas como uma forma de expressão, de relacionamento consigo mesmo, com o outro e com o mundo ao qual se conecta e, como abertura de sentido para a vida” (ROCHA, 2020, p. 2).

O Psicólogo tem em seu escopo de trabalho o resgate da singularidade da pessoa que vivencia o processo de finitude. Sua ação prioriza o fornecimento de uma escuta diferenciada, no momento em que a vida do paciente está ameaçada, possibilitando-lhe a construção de novas narrativas sobre sua existência, e sua maneira individual de viver, adoecer e morrer. Ao lembrar suas vivências, o paciente reafirma a vida como uma experiência no momento em que ela acontece. O ser-aí ao enfrentar a iminência da morte desperta e se abre para possibilidades de um poder-ser total, autêntico (SANTOS, MIRANDA, NOGUEIRA 2016 pág. 216).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo foi possível inferir que o homem contemporâneo é parte integrante de uma sociedade onde ele tem aprendido outros modos de ser e existir. Escolhem viver alienados, sendo-para-si-mesmo-sem-o-outra. Acreditam ser eternos, vivem de forma desregrada e se esvaziam existencialmente.

Com o advento do adoecimento, confirmado através do diagnóstico, a possibilidade real de ser-para-a-morte emerge, trazendo consigo o sofrimento e a angústia, advinda da certeza de que não se é imortal. E na vivência da finitude surgem momentos de nostalgia, medo e revolta (por que comigo?). Entretanto, com o processo de aceitação o homem adoecido pode usufruir da liberdade para decidir, mesmo no final da vida.

Estar em cuidados antecipados, oportuniza ao paciente designado aos cuidados paliativos a olhar para sua existência e decidir com quem quer estar no momento final, o que deseja realizar, falar dos seus medos, sonhos, projetos realizados e os que ficaram por realizar. Rever pessoas e amigos que lhes são caras. Viver com qualidade o tempo que ainda lhe resta.

Para a psicologia existencial fenomenológica, o diagnóstico não representa apenas a doença em si. Ela compreende que a partir do diagnóstico, poderá haver uma maior compreensão dos modos de ser-no-mundo do paciente, a situação que está posta e também as novas possibilidades a serem construídas no encontro terapêutico.

Estar ao lado de um paciente elegível aos cuidados paliativos não é o mesmo que viver a experiência do outro, que reflete a empatia. Desejar cuidar de quem está às voltas com a morte, demanda habilidade de exercer a compaixão. A compaixão permite compreender a dor do outro, sendo-para-a-morte, porém, sem tomá-la para si. A compaixão, então, exige o autoconhecimento – que diz sobre saber quem somos, o que desejamos ser e as nossas potencialidades.

Nesta perspectiva, o psicólogo paliativista, cuida para que o paciente em fim de vida, dê conta de se projetar frente a situação que possa paralisá-lo, assim como a equipe. Ressalta-se que o sofrimento emocional, pelos quais, todas as pessoas envolvidas com o cuidado (equipe, família e o próprio paciente) é muito intenso e difícil. E isto reafirma a importância dos cuidados antecipados para proporcionar ao paciente terminal melhor modelo de tratamento em fim de vida.

É importante destacar que não se pretende esgotar o assunto, por considerar necessário a ampliação dos estudos em cuidados paliativos na perspectiva fenomenológica existencial dentro do hospital. É um desafio para o psicólogo desta abordagem atuar junto a uma equipe que desconhece seus objetivos teóricos e filosóficos. Mas é possível assumir postura fenomenológica, ou seja, colocar entre parênteses a teoria e evidenciar o sujeito com empatia, promovendo a escuta atenta e a compaixão livre de “pré-conceitos” e questões subjetivas. Em direção às reflexões conclusivas, o cuidado paliativo, como fundamento existencial, oportuniza ao outro-ser, sendo-com-ele, e ele sendo-conisigo-mesmo-para-a-morte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMATUZZI, Mauro Martins. Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. **Estudos de psicologia (Campinas)**, v. 26, p. 93-100, 2009.

ARANTES, Ana Claudia Quintana: **A morte é um dia que vale a pena viver** – RJ, Ed. Sextane, 2019

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Superintendência Estadual do Ministério da Saúde no Rio de Janeiro. Desospitalização : reflexões para o cuidado em saúde e atuação multiprofissional [recurso eletrônico] / **Ministério da Saúde, Secretaria Executiva, Superintendência Estadual do Ministério da Saúde no Rio de Janeiro**. – Brasília: Ministério da Saúde, 2020. 170 p. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/desospitalizacao_reflexoes_cuidado_atuacao_multiprofissional.pdf em 03/04/2022

CANO, Carlos Wilson de Alencar et al. **Finitude da vida: compreensão conceitual da eutanásia, distanásia e ortotanásia**. Revista Bioética [online]. 2020, v. 28, n. 2 [Acessado 11 Março 2022], pp. 376-383. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1983-80422020282399>>. Epub 26 Jun 2020. ISSN 1983-8034. <https://doi.org/10.1590/1983-80422020282399>.

CARDOSO, Claudia Lins; **Fenomenologia e Psicologia Clínica** in: GIOVANETTI, José Paulo (Org.) – Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2018

CARNEIRO, Cláudia; ABRITTA, Stella. Formas de existir: a busca de sentido para a vida. **Rev. abordagem gestalt**. Goiânia , v. 14, n. 2, p. 190-194, dez. 2008 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000200006 & lng= pt\ nrm=iso>. Acesso em 16 out. 2022.

CRITELLI, Dulce Mara: Analítica do Sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica – São Paulo, EDUC - Brasiliense, 1996

GIL, Antônio Carlos, 1946- Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002

GIOVANETTI, José Paulo (Org.) – **Fenomenologia e Psicologia Clínica** - Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2018

KUBLER-ROSS, Elizabeth: **Sobre a morte e o morrer – o que os doentes terminais têm a médicos, enfermeiros, religiosos e aos seus próprios parentes**. 10ª ed. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LCS Motta, **Bioética: Afinal o que é isso?**· Citado por 63 — Rev. Soc. Bras. Clín. Méd ; 10(5)set-out. 2012. Artigo em Português | LILACS | ID: lil-652309. Biblioteca

responsável: BR33.1. RESUMO; ABSTRACT.

LIMA, Beatriz Furtado. Alguns apontamentos sobre a origem das psicoterapias fenomenológico-existenciais. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 14, n. 1, p. 28-38, 2008.

Metodologia de pesquisa / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira ; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Em <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf> em 09/03/2021

NUNES, Katiúscia Caminhas; FARIA, Carla Vieira Gomes de; NOGUEIRA, Eder Luiz; VIEIRA, Leandro da Silveira: In: SANTOS, Liliane Cristina, MIRANDA, Eunice Moreira Fernandes, NOGUEIRA, Eder Luiz Nogueira (Organizadores.). - Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2016 **Psicologia, saúde e hospital: contribuições para a prática profissional**

PESSINI, Léo: in: Franklin Santana Santos (Organizador): **Cuidados paliativos: discutindo a vida, a morte e o morrer** - São Paulo: Editora Atheneu, 2009

ROEHE, Marcelo Vial. Psicologia e filosofia na abordagem fenomenológico-existencial: um estudo sobre Frankl e Heidegger. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 25, n. 3, p. 323-330, 2019.

SANTOS, R. C. N. CUIDADOS PALIATIVOS: UMA PERSPECTIVA DE VIDA DIANTE DA MORTE. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 3, n. 5, p. 286-311, 7 mar. 2018 <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15977>, em 09/10/2022

TEIXEIRA, José A. Carvalho. Introdução à psicoterapia existencial. **Análise psicológica**, v. 24, n. 3, p. 289-309, 2006.

WEYH, Katyana Martins: Do cuidado como essência do ser-aí em Heidegger (recurso eletrônico) – Porto Alegre, RS, Editora Fi, 2019.

